



Revista Brasileira de Geriatria e
Gerontologia

ISSN: 1809-9823

revistabgg@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro
Brasil

Teixeira, Solange Maria; da Silva Rodrigues, Vanessa

Modelos de família entre idosos: famílias restritas ou extensas?

Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, vol. 12, núm. 2, 2009, pp. 239-254

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403838781008>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Modelos de família entre idosos: famílias restritas ou extensas?

Family models among the elderly: restricted or extensive families?

Solange Maria Teixeira¹
Vanessa da Silva Rodrigues¹

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir os modelos de famílias que predominam entre idosos que frequentam o Programa Terceira idade em Ação - PTIA/UFPI, destacando arranjos familiares e tipos de apoios informais que circulam na família. Mediante pesquisa quanto-qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados o questionário, 80 idosos foram ouvidos e autorizaram a divulgação das informações prestadas. Os resultados apontam diferenças substanciais no modelo de família e nos arranjos familiares, conforme a estratificação socioeconômica desses idosos; no entanto, as formas de apoios informais nos dois modelos se dão com maior frequência dos idosos para as gerações mais jovens, embora também ocorra destas gerações para os mais velhos. Conclui-se que há importantes mudanças nos papéis sociais dos idosos no interior das famílias, com seu acesso à renda proveniente da aposentadoria ou pensões, bem como nos arranjos familiares, em que o idoso é o responsável e chefe do domicílio, que explicam a direção dos apoios informais no interior das famílias.

Palavras-chave:
Relações Familiares. Características da Família. Fatores Socioeconômicos. Modelos de Família. Idosos. Arranjos Familiares.

¹ Universidade Federal do Piauí, Departamento de Serviço Social, Teresina, PI, Brasil

Correspondência / Correspondence
Solange Maria Teixeira
Rua Jornalista Hélder Feitosa, 1131/403, Bl.09, Residencial Santa Mônica - Ininga
64049-905 – Teresina, PI, Brasil
E-mail: solangemteixeira@hotmail.com

Abstract

This paper aims to present and discuss the family models that prevail among the elderly who attend the Program for the Elderly in Action (PTIA) at FUPI, pointing out family arrangements and types of informal support within the family. It is a quantitative-qualitative study which used a questionnaire to collect data on 80 elderly, who were interviewed and agreed to release information. Results show a large difference in the family model and family arrangements according to the socio-economic level of these elderly. However, the forms of informal support in the two models occur more frequently from the elder to the younger generation, although it also occurs from the younger to the elder one. The conclusion is that there are important changes in the social roles of the elderly inside the family with access to income that comes from pensions or retirement funds, as well as in the family arrangements where the elderly is in charge of the household, what explains the direction of informal support within the families.

Key words: Aged. Family Relations. Family Characteristics. Socioeconomic Factors. Family Models. Elderly. Family Arrangements.

INTRODUÇÃO

Acreditava-se, com a modernização na família, que impulsionou a passagem da família extensa para o modelo nuclear burguês – denominada, por vários autores também como “família conjugal”, por se caracterizar pela afeição e autonomização de seus membros, expressa no casamento por escolha dos parceiros, com base no amor romântico – em novas formulações para os papéis do homem e da mulher no casamento e fora deste, em relações de intimidade entre pais e filhos. Ressalte-se que sua independência em relação à parentela, constituindo núcleos restritos e cada vez mais autônomos e “privados”, deveria aumentar no envelhecimento as chances de ampliação dos “nínhos vazios”, expressão utilizada para designar casais de idosos sem filhos ou morando sozinhos.

Na caracterização da “nova” família,posta pelas transformações nos séculos XIX e XX, há maior igualdade entre os sexos,

maior controle da natalidade, queda da fecundidade e redução do número de membros da família, maior número de separações e de novos recasamentos. As mulheres exercem atividades remuneradas no mercado de trabalho, e o impacto disso foi a redução do número de filhos e o desejo de tê-los, o que reforçou a tese da ampliação dos “nínhos vazios” no envelhecimento.

Em países como Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha e Dinamarca, os “nínhos vazios” já são uma realidade. Entretanto, dados estatísticos nacionais e na literatura afirmam que, no Brasil, predominam os arranjos familiares do tipo idosos com cônjuge, filhos e outros parentes que coabitam num mesmo domicílio, principalmente entre as famílias mais pobres.¹

Com isso, nos países em desenvolvimento, a família continua a ser a principal fonte de suporte para a população idosa. De fato, as famílias pobres com idosos formam ar-

ranjos com coabitação entre várias gerações, de modo a se autoajudarem; as gerações mais jovens desempregadas usufruem da renda dos mais velhos, e estes, dos cuidados que a família pode oferecer no espaço doméstico.

Como destacado pelos estudos nacionais, a coabitação entre mais de duas gerações é uma realidade de maior incidência entre as famílias de idosos pobres. No nosso estudo, defendemos a tese de que predomina entre os idosos, alunos do PTIA\UFPI, a família “restrita”, com reduzido número de filhos no mesmo domicílio e sem outros parentes. Há ainda uma acentuada presença dos “nínhos vazios”, considerando-se a origem de classe desses alunos, na qual a maioria de idosos é de classe média, cujos modelos de organização familiar se caracterizam pela autonomização dos seus membros, do núcleo restrito em relação à parentela e pela reduzida presença de filhos, típicos da família conjugal nuclear.

Deve-se, entretanto, destacar que o entendimento de “nínhos vazios” se amplia para considerar não apenas os casais de idosos sem filhos ou residindo sozinhos, para incluir os idosos que, nessa fase da vida, estão em tal condição, embora em outras fases do ciclo da vida da família compartilhassem espaço do-

méstico com os filhos, até sua saída de casa para constituírem novas famílias.

Os argumentos que fundamentam esse posicionamento são que a família não é uma instituição natural e homogênea, mas pode assumir configurações diversificadas em sociedades ou no interior de uma mesma sociedade, conforme as diferenças de classes e grupos sociais.

Prado² reitera que a família, enquanto instituição social, varia através da história e das sociedades, apresentando, inclusive, formas e finalidades variadas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado. Assim, apesar de a família nuclear burguesa ser hegemônica na contemporaneidade, ela comporta uma variedade de formas e arranjos, além da coexistência de modelos de família diferenciados.

Gueiros³ destaca que, a partir da literatura e da observação de sua prática profissional, as famílias de camadas médias e baixas tendem a se organizar preconizando diferentes “modelos” de família. “O ‘modelo’ patriarcal^{*} continua como principal referência para as famílias das camadas sociais baixas,⁴ e o ‘modelo’ conjugal^{**} seria a forma

* A família patriarcal constitui um modelo de família extensa que agrega a parentela ou funciona em rede de solidariedades com outros familiares e vizinhança. Conforme Gueiros,³ denominamos família patriarcal, genericamente, a família em que os papéis do homem e da mulher e as fronteiras entre o público e o privado são rigidamente definidos; o amor e o sexo são vivenciados em instâncias separadas, podendo ser tolerado o adultério por parte do homem. A atribuição de chefe da família é tida como exclusivamente do homem; e, segundo Sarti,⁹ este tem sido o modelo predominante entre as famílias de baixa renda de suas pesquisas.

** A família “conjugal” é uma instituição na qual os membros têm uma individualidade maior do que nas famílias existentes anteriormente, uma grande independência em relação aos grupos de parentesco. Ela se construiu progressivamente como espaço “privado” onde os membros da família têm interesse maior em estar juntos, em compartilhar a intimidade, estando cada vez mais sensível à qualidade de suas relações.¹⁰ O triângulo pai, mãe e filhos constitui a família denominada de “restrita” ou “nuclear”.

idealizada pelas famílias de camadas sociais médias e altas". Não obstante a convivência e inter-relações entre os modelos serem uma constante, destacam-se apenas certos aspectos predominantes em cada modelo.

Entretanto, é possível identificar esses modelos de família entre os idosos que frequentam o Programa Terceira Idade em Ação da UFPI? Predominam famílias extensas ou restritas? Como se dão os fluxos de ajuda informal aos idosos no interior desses modelos? Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar a família de idosos que frequentam o Programa Terceira Idade em Ação da UFPI, conforme sua estratificação social socioeconômica e predominância do modelo de família, destacando seus arranjos familiares, formas de transferências de apoio informal, vínculos e relacionamentos.

METODOLOGIA

A pesquisa, cujos resultados parciais são apresentados neste artigo, foi submetida e aprovada no Conselho de Ética da UFPI. Os sujeitos da pesquisa consentiram e assinaram termo de consentimento, permitindo o uso das informações que prestaram. A coleta de dados foi realizada no segundo semestre de 2007, e os dados quantitativos já foram tabulados e analisados.

A metodologia adotada nesta pesquisa é a quanto-qualitativa, na medida em que o conjunto de dados qualitativos e quantitativos não se opõe no real, ao contrário, se

complementam. Como destaca Minayo,⁵ “a dialética pensa a relação quantidade como uma das qualidades dos fatos e fenômenos”, além de ser a metodologia mais compatível com os objetivos do estudo, qual seja, detectar os arranjos familiares dos idosos, as formas de apoios informais e as representações sociais de família, conforme a estratificação socioeconômica dos idosos.

Assim, apesar de o instrumento de coleta de dados ser, prioritariamente, o questionário, este tem uma estrutura de perguntas abertas e outras fechadas, para captar opiniões, modos de pensar, valores e representações sociais.

A amostragem é representativa do conjunto dos alunos do PTIA. Dos 250 alunos que frequentam regularmente, 80 foram ouvidos durante toda a pesquisa. É uma amostragem representativa, com um número de idosos suficientes para realizar as generalizações acerca do objeto de estudo; portanto, apesar da escolha de uma amostragem não-probabilística, optou-se pela não-intencionalidade e pelo tipo de amostragem não-probabilística a esmo, no qual se procura ser aleatório sem no entanto realizar o sorteio, típico das amostragens probabilísticas, restringindo-se aos sujeitos aos quais se tem acesso e que aceitam prestar informações.

Deve-se ressaltar os limites do estudo com a adoção deste tipo de amostragem, como a impossibilidade de poder medir o erro amostral e, consequentemente, a precisão da amostra obtida; de evitar o

vício de seleção com um critério de escolha totalmente aleatório; mas, apesar disso, a amostragem não-probabilística tem também sua importância e pode ser representativa, além da simplicidade do processo.

Os dados que puderam ser quantificados foram tabulados, expostos em tabelas e analisados conforme a prevalência ou regularidades das variáveis apresentadas, entre elas, os arranjos familiares dos idosos; rede de apoio dos idosos; fluxos e fontes de apoios; e perfil socioeconômico dos idosos. As questões abertas serão categorizadas, tipificadas e submetidas à análise de discursos,⁶ fornecidos pelos idosos e apótes da literatura científica. Ressalta-se que neste artigo são apresentados apenas os dados quantitativos; os qualitativos que visam a captar a concepção de família para os idosos e as opiniões sobre como a família pode ou deveria ajudar os idosos serão objeto de outro artigo, constituindo a segunda parte do relatório de pesquisa.

A criação do instrumento de pesquisa, a coleta e interpretação dos dados, bem como a realização de relatórios e artigos, foram realizadas de forma coletiva, resultantes de um trabalho da orientadora e da aluna de iniciação científica.

Família moderna ou conjugal e a família dos pobres

Como destaca Reis,⁶ “é [...] impossível entender o grupo familiar sem considerá-lo dentro da complexa trama social e histórica que o envolve” (p. 102), o que lhe dá historicidade, logo, um caráter não-naturalizado. Implica uma grande mutabilidade, conforme os tipos de sociedade e as organizações internas do grupo familiar nas diferentes classes e grupos sociais; e também uma diversidade de conceitos de família que tem sido a característica dos estudos sobre esse grupo.

Ainda segundo Reis,⁶ embora a forma de família predominante em todos os segmentos sociais seja a monogâmica burguesa, tida como a família moderna, existem padrões internos que diferenciam as famílias das diferentes classes.

A família moderna, “nuclear” ou “conjugal” burguesa é resultante das transformações socioeconômicas e culturais promovidas pela Revolução Industrial e de forma mais ampla pelo modo de produção capitalista, modelo que se difunde graças ao processo educativo formal ou informal junto aos indivíduos e à classe trabalhadora.

* Opta-se pela técnica de análise do discurso, fundado pelo filósofo francês Michel Pêcheux, da Escola Francesa de Análise do Discurso. Ou seja, visa-se a tratar o conteúdo das entrevistas como um texto, que é o produto da atividade discursiva, cujo objetivo básico será realizar uma reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação desses textos, procurando identificar o lugar social dos sujeitos que emitem opiniões e expressam significados, as ideologias subjacentes, as visões de mundo, ou seja, as condições de produção do texto, seu caráter de construção social.

O sociólogo francês Ariès⁷ apresenta em seus estudos sobre a família uma descrição do surgimento da família nuclear burguesa, composta basicamente pelo triângulo pai, mãe e filhos, pela independência em relação à parentela e por uma complexa combinação de autoridade e amor romântico. Este tem sido, até os dias atuais, o modelo hegemônico de família, embora essa mesma sociedade comporte uma variedade de modelos ou variações do modelo ideal, conforme os diferentes arranjos familiares prevalecentes na sociedade contemporânea.

No Brasil, as transformações do final do século XIX e do início do século XX instituem um novo modelo de família que se opunha ao modelo patriarcal ou de família extensa predominantes no período da colonização e do Império, para consolidar o modelo conjugal.

Como descreveu Bruschini,⁸ o advento da urbanização, o início da industrialização, a Abolição da Escravatura e a imigração provocaram a passagem da família extensa para a família restrita ou nuclear. Esta família tem suas funções redesenhas, centrando-se na reprodução social de seus membros, com privilégio das funções afetivas e na maior autonomia dos indivíduos.

Com base nessas análises, essa família, embora transformada, preserva um traço típico da família anterior, qual seja, a predominância de uma dupla moral sexual, que reprime a sexualidade feminina e reforça a livre sexualidade do homem, além da rigidez na delimitação de papéis entre o homem e a mulher.⁸

Esse tem sido o modelo da chamada “primeira modernidade”, que vai do século XIX até os anos de 1960, caracterizado pela coincidência entre a instituição casamento e a focalização nas relações interpessoais, nas relações entre os cônjuges e filhos, na afetividade, cujo interesse é estar junto, compartilhar a intimidade, estando mais sensível à qualidade das relações e menos à transmissão de patrimônio. Por essa razão, Singly⁹ a define como relacional e conjugal. Nesse modelo, a divisão do trabalho entre homem e mulher é bem definida: o homem trabalha fora para prover o sustento da família e a mulher fica em casa, para que se ocupe com a criação dos filhos e do trabalho doméstico.

Segundo Singly,⁹ a partir dos anos de 1960, principalmente na Europa, depois se difundindo para outras realidades, a família moderna muda de direção, período denominado de “modernidade avançada” (Giddens) ou de “segunda modernidade” (Becker), e se caracteriza pela crítica ao modelo da “mulher-dona-de-casa”, encabeçado pelos movimentos sociais de mulheres e pelo feminismo; pela desestabilização do casamento, com a instauração do divórcio; pelo crescimento da coabitação fora do casamento ou uniões livres; famílias chefiadas por mulheres; e o crescimento de indivíduos morando sozinhos, casais homossexuais, dentre outros.

O que para muitos indica uma “crise da família”, para outros significa sua recomposição sobre novas bases, com novos arranjos. “A família não desaparece, mas ela muda

de sentido”,⁹ e se afirma com mais clareza a família conjugal, relacional, enquanto um serviço que pode ser colocado à disposição dos indivíduos; logo, acentua-se o individualismo, a autonomização das pessoas que vivem juntas.

Como destaca Singly,⁹ a instituição matrimonial e os papéis sexuais, bem como a divisão do trabalho, relações hierarquizadas de autoridade, não desapareceram; a família nuclear ainda é majoritária, mas perdeu muito de sua legitimidade e comporta uma infinidade de modelos ou arranjos familiares.

A grande mudança observada na “segunda modernidade” é o crescimento dos direitos aos indivíduos menos individualizados e autônomos de épocas anteriores, como as crianças e as mulheres, além da fluidez maior na formação dos contratos, que às vezes nem chegam a ser formalizados, pois há um relaxamento dos estatutos e maior igualdade entre os sexos.

Na família contemporânea, diminui a dependência das mulheres, dado o acesso cada vez maior ao mercado de trabalho; contudo, a dupla jornada é o símbolo da manutenção das atribuições das mulheres à esfera doméstica, assim como a fragilidade conjugal vulnerabiliza ainda mais as mulheres, devido à redução de seu nível de vida com as separações, que passam a constituir famílias monoparentais, sob sua chefia. No entanto, como destaca Singly,⁹ isso lhes dá a possibilidade de só viver conjugalmente por motivos amorosos.

Outra característica da família contemporânea é sua redução, composta de pequenos núcleos, de pessoas que vivem juntas por consanguinidade ou aliança, que pode ser um casal de homem e mulher, ou casal do mesmo sexo, mulheres sem cônjuge e os filhos, dentre outros arranjos marcados pela autonomização de seus membros. Isso significa maior espaço para a individualidade e para projetos diferentes de vida, inclusive o adiamento em ter filhos ou até não tê-los, ou de tê-los de forma independente, não casar etc.

Esse modelo contemporâneo de família, das relações conjugais, de família “restrita” cada vez mais reduzida e “privada”, independente da parentela, no qual se valoriza a individualidade dos membros, mas ao mesmo tempo se criam vínculos de reciprocidade, em que a família é “um espaço privado a serviço de seus membros em que as relações só são valorizadas quando realizam as satisfações proporcionadas a cada um dos seus membros”,⁹ tem sido mais observado nas famílias de camadas médias e altas, servindo como modelo de sua organização familiar.

Entretanto, as pesquisas nacionais e locais, como as de Cynthia Sarti,⁴ demonstraram um modelo diferente nas classes populares. No universo cultural dos pobres, não se encontram recursos simbólicos para a formulação e a efetivação de um modelo individualizado e de autonomia entre os sujeitos, de uma família a serviço dos indivíduos, que pressupõe condições sociais específicas de educação, de valores sociais, alheio às referências culturais e às experiên-

cias de que dispõem. “Pensam seu lugar no mundo, a partir de uma lógica de reciprocidade de tipo tradicional em que o que conta decisivamente é a solidariedade dos laços de parentesco e de vizinhança com os quais viabilizam sua existência”.⁴ A configuração dessas famílias, segundo a autora, se estabelece em rede de solidariedade que extrapola o núcleo restrito de pais e filhos, e envolve parentes e vizinhos, fundamentados num sistema de obrigações morais que dificulta a individualização, mas, por outro lado, viabiliza as condições básicas para sua existência.

A interdição da individualidade de uma família a serviço dos indivíduos, e não destes à família, se dá porque a família, para os pobres, é estruturada como um grupo hierarquizado, como nos modelos de família extensa, agrária ou patriarcal, em que há precedência do homem sobre a mulher, dos pais sobre os filhos e dos mais velhos sobre os mais novos, prevalecendo o modelo tradicional de divisão sexual do trabalho, em que os homens são os provedores do lar e as mulheres as dona-de-casa.⁴ Nessas famílias, mesmo com a inserção cada vez maior das mulheres no mundo do trabalho, considerando-se os parcós recursos para o sustento da família, sua renda é sempre complementar à que o marido ou companheiro traz para o lar. E mesmo quando esse não puder ser o provedor de sua família, devido ao desemprego, resta-lhe a autoridade moral da família, a respeitabilidade.

Em casos de mulheres “chefes de família”, a sobrevivência de seu grupo familiar depende da mobilização cotidiana de uma rede fa-

miliar que ultrapassa os limites da casa, em que se preveem a circulação de crianças entre as casas, ocupação do papel masculino por outras figuras da família, como irmãos, pai, dentre outros, assim como o papel de mãe-dona-de-casa, pela avó, tias ou irmãs.

Nesse modelo, os idosos integram o sistema de apoio mútuo. Como destaca Vitale,¹⁰ a pobreza, o desemprego, o aumento da desigualdade social e a insuficiênciadas políticas públicas e sociais podem ter levado ao aumento de sua contribuição na rede familiar, não apenas com ajuda financeira, apesar dos parcós recursos de apoiadoras, mas também nas relações afetivas, como auxiliares na socialização das crianças, nos trabalhos domésticos, dentre outros. Ainda segundo Vitale,¹⁰ nos segmentos médios, os avós também colaboraram com serviços ou com auxílio financeiro para a criação dos netos, em face das dificuldades do dia a dia.

Em geral, tem mudado o papel do idoso na família. Para Camaraño e Ghouri,¹ este tem passado da condição de dependente para a de provedor, chefe do domicílio ou pessoa de referência no domicílio, principalmente nas famílias de baixa renda.

De acordo com as pesquisas do IBGE,¹¹ os idosos chefes de família passaram de 60,4% em 1991, para 62,4% em 2000. Desse universo, 54,5% vivem com os filhos e são a principal fonte no sustento destes, configurando a coabitação entre gerações. Todavia, constituirá esse modelo referência para os idosos que frequentam programas para a

terceira idade? Haverá distinção no modelo, conforme a estratificação socioeconômica desses idosos?

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As famílias de idosos do Programa Terceira Idade em Ação - PTIA/UFPI

Em relação aos idosos de todo o Brasil, o tipo de arranjo familiar mais comum é do idoso que mora com seus filhos (44,5%). As regiões Norte e Nordeste se destacam com percentuais acima da média nacional, respectivamente, 54,5% e 51,6%, que podem ser resultantes de necessidades socioeconômicas que impedem a saída dos filhos de casa, de necessidades dos idosos, como também de traços culturais dessas regiões.¹¹

No Piauí, o tipo de arranjo casal com filhos é de 53,6%, e a maioria é constituída do núcleo restrito pais e filhos sem parentes (48,4%). Os “nínhos vazios” (casais sem filhos e idosos sozinhos) correspondem a 21,8%, dos quais apenas 8,2% são famílias unipessoais.¹¹

Entre os idosos que frequentam o PTIA/UFPI, a maioria (32,0%) mora com cônjuge e filhos, confirmado as estatísticas nacionais; todavia, com percentuais bem menores, predomina a família nuclear ou “restri-

ta”, com no máximo duas gerações coabitando no mesmo domicílio e sem parentes. Mesmo com a coabitação, esta se dá com pouquíssimos membros familiares, pois em 48,0% dos casos o número de pessoas no domicílio é de apenas três pessoas. Destes, 24,0% são de apenas duas pessoas, Nos domicílios com filhos, 38,0% são compostos de apenas um filho. Os “nínhos vazios” constituem 26%; destes, 12% moram sozinhos, percentuais maiores que nas estatísticas nacionais, o que se atribui às particularidades do grupo, a maioria de camadas médias.

Entre os idosos que frequentaram o PTIA/UFPI no segundo período de 2007, 80 foram ouvidos através de um questionário. O perfil desses idosos é coincidente ou semelhante ao de outros que frequentam programas para a terceira idade no Brasil*: 92,0% são do sexo feminino e apenas 8,0% do sexo masculino; 48,0% têm entre 60-64 anos – logo, são os chamados *jovens idosos* ou terceira idade; os idosos entre 70-79, entretanto, são representativos, constituindo-se em 18,0%.¹² Quanto à renda familiar, apesar de variada, predominam os que ganham até três salários mínimos (34,0%), até cinco salários mínimos (20%) e mais de cinco salários mínimos (8,0%); alguns relativamente superiores se comparados aos que ganham apenas um salário mínimo (20%). Esses idosos também apresentam bom nível educacional: a maioria (68,0%) tem o segundo grau

* Sá¹² identificou nas sistematizações dos dois primeiros semestres do curso Universidade Aberta à Terceira Idade, na PUC de Campinas, que 80% eram mulheres, sendo que 28% tinham entre 55 e 65 anos, maior concentração. Em relação à escolaridade, 23% tinham primário completo; 20%, o segundo grau e 10%, curso superior. É expressivo o número dos que recebem de 5 a 19 salários mínimos, que corresponde a 43%. Os aposentados totalizam 43%. O número de donas de casa é de 42%, e apenas 10% do montante continuam a trabalhar; 70% moram com a família e 24% sozinhos.

completo e 16,0% têm o terceiro grau. Os analfabetos ou com apenas um ano de estudo correspondem apenas a 2,0% destes. A maioria é casada (44,0%) e viúvos correspondem a 34,0%.

Em um grupo com essas características, explica-se a predominância da família conjugal, formada de núcleo restrito de pais e filhos, a ampliação de pessoas idosas que vivem sozinhas ou apenas o casal, como expressão de independência, autonomia, acesso à renda, condições de saúde satisfatória, possibilitada pela condição de pertencer, a maioria, às camadas médias.

Nos arranjos familiares mais frequentes (conforme tabela 1), entre os diferentes grupos de idosos de acordo com a distribuição de renda, encontram-se o idoso ou idosa vivendo com o cônjuge e os filhos (26,3%) no grupo de 1 a 2 salários mínimos; e de

32,2% no grupo com renda a partir de três salários mínimos – ou seja, a família restrita ou nuclear é hegemônica também nesta faixa etária.

Entretanto, o modelo idoso ou idosa morando apenas com o cônjuge – os chamados “nínhos vazios” – é bem superior no grupo de maior renda, chegando a 12,9% contra 5,3% no outro grupo, e a isto se deve a instabilidade das relações conjugais entre os mais pobres. Segundo Sarti,⁴ a vulnerabilidade da família pobre ajuda a explicar a frequência de rupturas conjugais, diante de tantas expectativas não cumpridas, o que pode ser atribuída também à morte do cônjuge. A instabilidade das relações conjugais afetada pelas condições de vida também se reflete nas gerações mais jovens; no grupo de menor renda é de 26,3% o número de idosos que vivem com filhos separados, contra 3,2% no grupo de melhor renda.

Tabela 1 – Arranjos familiares dos idosos do PTIA/UFPI conforme a distribuição de renda.

Com quem reside	1-2 SM	3-5 SM	Número de membros no domicílio	1-2 SM	3-5 SM
Mora sozinho	15,8	12,9	1 pessoa	15,8	9,7
Mora com o cônjuge	5,3	12,9	2 pessoas	21,0	25,8
Mora com filhos solteiros	10,5	25,9	3 pessoas	15,8	29,0
Mora com o cônjuge e filhos	26,3	32,2	4 pessoas	10,6	16,2
Mora com pelo menos 1 filho(a) separado (a)	26,3	3,2	5 pessoas	15,8	12,9
Mora com parentes	15,8	12,9	Acima de 5 pessoas	21,0	6,4
Número de filhos no domicílio		Escolaridade			
Nenhum	26,3	32,2	Analfabeto (a)	5,3	-
1 filho (a)	42,1	35,5	1º grau incompleto	10,5	6,4
2 filhos (as)	5,3	19,4	1º grau completo	10,5	3,2
3 filhos (as)	15,8	9,7	2º grau incompleto	-	-
4 filhos	-	-	2º grau completo	68,4	67,7
Mais de 05 filhos (as)	10,5	3,2	3º grau completo	5,3	22,7

Fonte: Elaboração da Autora. Teresina, 2007. SM = salário mínimo

As condições de escolaridade também são reflexo do acesso à renda. No grupo de maior renda, 22,7% chegaram a concluir o ensino superior, contra 5,3% no grupo de baixa renda, apesar de ser grande a porcentagem de ambos os grupos de indivíduos com o ensino médio completo.

Os arranjos familiares com grande número de pessoas em domicílio também são uma realidade para os mais pobres. Ressalte-se que, destes 21%, há mais de cinco pessoas convivendo no mesmo domicílio, contra 6,4% no grupo de maior renda. Neste último predomina, com 29% dos casos, a presença de três pessoas; e em 25,8% há ape-

nas duas pessoas em domicílio. Estes dados confirmam outros estudos que mostram que as famílias pobres são numerosas e possuem mais de duas gerações convivendo no mesmo domicílio como estratégia de sobrevivência. Apesar de a maioria (42,1%) ter apenas um filho no mesmo domicílio, supõe-se também a existência de netos e outros parentes em domicílio. Entretanto, 15,8% têm três filhos e 10,5% têm mais de cinco filhos, números sempre maiores que no grupo de melhor renda.

Em qualquer dos grupos, o motivo para viver com os filhos ainda é o fato de os filhos não terem saído de casa ou terem vol-

tado para casa após separações; ou seja, 47,3% entre os mais pobres e 54,8% entre os de melhor renda. Nesses casos, também é a renda dos idosos que mantém o domicílio em 31,6% dos casos, assim como do idoso e do seu cônjuge (31,6%). Também no grupo de melhor renda, em apenas 9,6% dos casos, a renda dos filhos soma-se à dos idosos na manutenção do lar, sendo a maioria (45,2%) a renda do idoso e cônjuge a que mantém o domicílio. Logo, em caso de coabitação entre as gerações, as mais jovens beneficiam-se da renda das gerações mais velhas.

Entre os mais pobres (31,6%), a renda é proveniente de aposentadoria e trabalho, contra 12,9% do grupo de melhor renda, sendo que neste último a maioria vive só de aposentadoria (48,4%). Outras pesquisas demonstram que uma parte considerável dos idosos mais pobres continua trabalhando mesmo aposentados, tendo em vista os baixos valores das aposentadorias dos trabalhadores urbanos pobres, ou dos benefícios de assistência social, o tamanho da família sob sua responsabilidade e a idade destes idosos.

Assinale-se que a renda proveniente de trabalho e aposentadoria ou só de aposentadorias é gasta, na maioria das situações citadas, com alimentação e saúde para ambos os grupos; o diferencial está no gasto com lazer, viagens e despesas pessoais, citadas 18 vezes no grupo de melhor renda, contra apenas três vezes no grupo de menor renda, condição proporcionada pelas melhores condições de renda do primeiro grupo.

Em relação às formas de apoio informal que circulam nas diferentes formas de família, elas são dos idosos para as gerações mais jovens e destas para os idosos. Em ambos os grupos, as filhas mulheres destacam-se entre as que mais prestam ajuda aos idosos, reafirmando as históricas relações de gênero, em que às mulheres são atribuídas funções domésticas e de cuidados com os filhos, marido e aos pais quando velhos. Destaca-se que, no grupo de melhor renda, o apoio proveniente de vizinhos nenhuma vez foi citado, confirmando a noção de família restrita e cada vez mais privada, apesar de a empregada doméstica e a ajuda de outros parentes terem sido citadas.

Tabela 2 – Rede de apoio dos idosos do PTIA/UFPI, 2007.

Quem lhe ajuda quando precisa?	1-2 SM	3-5 SM	Qual a forma de ajuda que você recebe da família?	1-2 SM	3-5 SM
	05	09		04	04
Cônjugue	08	16	Apoio financeiro	03	03
Filha (s)	07	10	Infra-estrutura - casa, alimento, cuidados	10	24
Filho (s)	02	-	Apoio afetivo - amor, carinho, compreensão	03	03
Vizinhos	02	05	Companhia do ente querido	04	04
Empregada doméstica	05	06	Você é quem ajuda sua família	-	01
Outros parentes	29	46	Outras formas de ajuda	24	39
Total de vezes citada			Total de vezes citada		
Em que você ajuda sua família?			Quem é o chefe no seu domicílio?		
Nos trabalhos domésticos	04	09	Você	11	15
Nos cuidados com os netos	06	11	Cônjugue	04	13
Nas despesas da casa	04	07	Filho ou filha	01	01
Em todas as situações que pode	15	21	Genro ou outros parentes	03	02
Total de vezes citada	29	48	Total de vezes citadas	19	31

Fonte: Elaboração da Autora. Teresina, 2007.

Em ambos os grupos, a forma como a família ajuda o idoso restringe-se, na maioria dos casos, ao apoio afetivo, que se refere às funções da família conjugal, de afetividade, carinho, amor e compreensão. O apoio financeiro, de infraestrutura, como, casa, alimentação e cuidados, é pouco citado se comparado à forma de apoio anteriormente citada. Deste modo, presume-se que o fluxo de ajuda seja mais intenso do idoso para sua família do que o inverso, considerando que a maioria dos idosos desta pesquisa tem entre 60-64 anos, são chefes do seu domicílio e é sua renda que provê a família.

Esse fluxo de apoio do idoso para com gerações mais jovens não se restringe à ajuda financeira, mas a todas as situações em que o idoso pode ajudar, incluindo os trabalhos domésticos, cuidados com os netos, despesas da casa, dentre outros. Enfatize-se que, em casos de coabitacão entre gerações, as mais jovens se beneficiam mais. Todavia, em caso de necessidade, podem contar com uma rede de ajuda, seja dos filhos que moram na mesma residência, seja dos filhos vivos que têm. Entre os idosos pesquisados, 38% têm entre três e quatro filhos vivos; e 20% têm mais de cinco filhos vivos. Por

conseguinte, a possibilidade de poderem contar com ajuda familiar é maior do que entre os idosos que não tiveram filhos, que moram sozinhos ou que vivem distantes dos filhos.

Os relacionamentos familiares foram julgados pelos idosos com ótimos ou bons (57,9% no grupo de baixa renda e 58,0% no outro grupo); a maioria de ambos os grupos declarou que mantém contato todos os dias com os filhos, seja através de visitas frequentes, seja de telefonemas.

CONCLUSÃO

Conforme se pode observar, o grupo de melhor renda, de camadas médias, enquadra-se no modelo de família conjugal, restrita a pais e filhos; tem maiores possibilidades de individualização e autonomização de seus membros, de uma família a serviço dos membros que vivem juntos, em função das condições de renda, escolaridade, dos valores modernos de família, de inserção das mulheres no mercado de trabalho, do reduzido número de filhos que tiveram. São famílias que, na velhice dos progenitores, ainda se constituem em famílias nucleares, restritas ao triângulo pai, mãe e filhos, mas com expressivo número de arranjos denominados “nínhos vazios”, ou seja, em que vive apenas o casal de idosos. Em caso de viuvez, os idosos desse grupo passam a viver com os filhos solteiros, geralmente constituem famílias chefiadas por mulheres na maioria dos casos. Embora essa situação também seja expres-

siva no grupo de menor renda, de famílias chefiadas por mulheres idosas, cuja maioria vive com filhos e/ou filhas separados(as), o que expressa a instabilidade conjugal decorrente da instabilidade da vida material e da dificuldade em cumprirem as expectativas dos papéis da família conjugal.

No grupo de menor renda, embora prevaleça o modelo nuclear, do casal com os filhos, essas famílias são numerosas, com muitas pessoas morando no domicílio inclusive filhos separados, presumindo-se inclusive os netos. Essas famílias têm dificuldade para efetivar a família conjugal e, com ela, a individualização de seus membros, dadas as referências materiais e simbólicas de que dispõem. Dentre os outros arranjos, como de idosos morando apenas com cônjuge, esses são inexpressivos; superiores a eles estão os que vivem sem cônjuge e com os filhos separados.

Embora nas famílias de idosos de menor renda não haja a presença de outros parentes, elas são extensas, com grande número de pessoas no domicílio: em 36,8% dos casos há cinco ou mais pessoas; e em 42,1% há apenas um filho morando no mesmo no domicílio, o que supõe a existência de noras e/ou genros e netos.

Este estudo demonstra que as formas de ajuda e apoio familiar são diversas e vão desde a ajuda física e financeira até a emocional. Entre os idosos do PTIA predomina a forma de ajuda e apoio afetivo que os familiares oferecem a seus idosos; reforçando as funções afetivas da família, que proporciona

o sentimento de pertencimento, de grupo, de laços amorosos. Isso pode estar relacionado ao estado conjugal dos filhos, ao fato de morarem com os idosos e, principalmente, de os idosos serem o chefe do domicílio. Observa-se que, num percentual de 54%, os idosos são os chefes de seu domicílio e é sua renda que provê sua família, o que amplia as chances de os idosos ajudarem seus filhos e deles receberem apenas apoio efetivo. Acrescente-se que o bom estado de saúde dos idosos ainda permitem que eles sejam fonte de ajuda, seja na criação dos netos, nos trabalhos domésticos, nas despesas do lar, em tudo o que é preciso e está a seu alcance.

Nesse caso particular, os fluxos de apoio tendem a ser mais dos idosos para com os

filhos do que o inverso, apesar de poderem contar com ajuda também em caso de necessidade, por terem filhos morando no mesmo domicílio e outros filhos que, mesmo não morando no mesmo domicílio, podem ser fonte de ajuda.

A pesquisa demonstra uma mudança na condição do idoso na família, em qualquer dos grupos estratificados, proporcionada pelo acesso à renda, à longevidade e saúde, expressa na independência dos idosos em relação à família. Esses idosos são fonte de ajuda às famílias e têm capacidade de morarem sozinhos ou apenas com seus cônjuges, o que tem possibilitado redefinir sua posição e capacidade de negociação e participação da vida ativa das famílias.

REFERÊNCIAS

1. Camarano MA, Ghouri SK. Família de idosos: ninhos vazios? [acesso em: 2007 jan. 8]. Disponível em:
URL:<www.ipea.gov.br>. 2003. p.1-20.
2. Prado D. O que é família. São Paulo: Brasiliense; 1981. 92p. (Coleção Primeiros Passos).
3. Gueiros DA. Família e proteção social: questões atuais de limites da solidariedade familiar. Revista de Serviço Social e Sociedade 2002; (71): 102-21.
4. Sarti C. Famílias enredadas. In: Acosta AR, Vitale MAS, organizadores. Família: redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Cortez / IEE: PUC-SP; 2005. p.21-35.
5. Minayo CS. (organizadora) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 23 ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2004. 80p.
6. Reis JRT. Família, emoção e ideologia. In: Silvia TML, Codo W. Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense; 1995. p.100-20.
7. Ariès P. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC; 1981.
8. Bruschini C. Teoria crítica da família. In: Azevedo MA, Guerra VNA. Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez; 1993.p. 49-79.

9. Singly F. Sociologia da família contemporânea. Rio de Janeiro: FGV; 2007. 206p.
10. Vitale MAF. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: Acosta AR, Vitale MAF, organizadores. Família: rede, laços e políticas públicas. 3. ed. São Paulo: Cortez; 2007. p.93-105.
11. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais, 2006. 450p.
12. Sá JLM. Universidade da terceira idade: uma proposta e ação inicial. Campinas-SP: PUC-Campinas; 1991. 36p.

Recebido: 4/6/2008

Aprovado: 10/6/2009